

## **O COMPLEXO DA ELEGÂNCIA.**

**Mariana Christina de Faria Tavares Rodrigues**  
**Mestre em Moda, Arte e Cultura**  
**Docente do Centro Universitário UNA - BH**

### **RESUMO**

A elegância é um termo comum no mundo contemporâneo, mas não foi sempre assim. Este artigo observa o emprego da palavra no Ocidente, a partir de exemplos literários, verificando as relações com o seu significado atual. Através deste exercício procura-se averiguar quando o sentido de elegância irrompe no nosso cenário histórico e algumas das razões para isso acontecer.

**PALAVRAS CHAVE:** elegância, história, literatura.

### **ABSTRACT**

Elegance is a common term used by contemporary world, but it was not always so. This article looks at the use of this word by western societies, taken by literary sources, verifying its relationship with its current meaning. This exercise seeks to ascertain when the sense of elegance appears in our history and some of the reasons for this.

**KEY WORDS:** elegance, history, literature

O mundo contemporâneo assume de forma bastante natural o conceito de elegância, uma qualidade individual que se revela em algumas pessoas, na forma do comportamento, no falar e se portar, na escolha do vestuário. A elegância é, sem sombra de dúvida, uma qualidade perseguida e extremamente útil nas relações sociais, já que quando percebida, pode facilmente transformar-se em um cartão de visitas.

Tratar, porém, da idéia da elegância nos leva a considerar como ela é entendida. Será a elegância um conceito fechado, interpretado de forma homogênea por todos? Acredito que não, se considerarmos que cada grupo social reconhece valores singulares e próprios naquilo que concerne às formas comportamentais, lingüísticas, vestimentárias.

Um outro aspecto da questão seria a historicidade da idéia de elegância. Seria esta uma idéia própria aos tempos contemporâneos? Ou inerente a uma percepção nas relações sociais em seus diversos períodos?

Uma maneira de iniciar a pesquisa seria vasculhar a etimologia da palavra elegância. Em consultas online pode-se verificar suas raízes: a palavra portuguesa elegância, assim como a inglesa *elegance* e a francesa *élégance* derivam do latim *elegantia*, que por sua vez vem de *eleganz*, cuja raiz latina é *elegare*. Tanto *elegantia* como *eleganz* possuem basicamente o mesmo significado que em português, inglês e francês.. Já *elegare* significa escolher e por sua vez é derivada de *legere* que tem o significado de ler, coletar, juntar. *Legere* vem do grego *legein* cujo significado é falar.<sup>1</sup>

Pode-se conjecturar que a idéia da elegância foi primeiramente percebida na capacidade de falar, na maneira de expor, de escolher e dar alma às palavras usadas na oratória tão cara aos gregos. Em latim a raiz *elegare* acentua o caráter de escolha daquilo que lhe deu origem, o *legere*, ou o ler, coletar e juntar. Para que a palavra elegância tenha se derivado destas palavras e destes sentidos, pode-se inferir que provavelmente a elegância primeiramente percebida como escolhas para o ato de falar – ato que em si já compreende uma exposição do sujeito – foi depois abraçando outros significados, abrangendo todo um conjunto de denotações intrínsecas a uma aparência.

E quando terá isso acontecido? Como foi que se deu processo de valorização de uma aparência que compreende gestual, maneiras de falar e vestir, de comportar? Torna-se necessário então investigar o passado, nas informações legadas ao presente, através do corpus onde a memória ficou impregnada, na arte, na escrita. Entretanto nas pinturas e esculturas, a impressão fica, sobretudo, relacionada aos olhos que vêem. É um sujeito contemporâneo que qualifica a Mona Lisa de da Vinci como sedutora e indecifrável ou o David de Michelangelo como uma perfeição masculina. Estas podem até ser as impressões de suas épocas, mas, se não foram documentadas, tudo o que temos agora são suposições.

---

<sup>1</sup> Esta consulta foi feita nos seguintes sites: [www.origemdapalavra.com.br](http://www.origemdapalavra.com.br) , [www.myetymology.com](http://www.myetymology.com) e [www.latindiscussion.com](http://www.latindiscussion.com)

Porém, através da palavra, pode-se procurar de forma mais direta a idéia da elegância. E a literatura nos documenta a palavra. E, muitas vezes, proporciona os cenários, os ambientes de uso e de consumo de idéias e imaginários específicos de outras épocas.

A prolífica obra de Shakespeare<sup>2</sup> pode nos oferecer material de pesquisa. Verificando seus textos em sua língua nativa não se encontra o uso de elegante/elegância<sup>3</sup> embora não se possa afirmar que esta idéia não se aproxime através de outros vocábulos. *Fine, beauty, courteous, gentle* são palavras mais comuns, e muitas vezes seu sentido pode remeter ao da elegância. Há um exemplo em *a Megera Domada*: a heroína, Katherine está interessada em uma touca e quando a mostra ao marido Petruchio este a denigre, interessado em confundi-la, em deixá-la insegura, mais interessado em uma esposa submissa que voluntariosa:

HABERDASHER. Here is the cap your worship did bespeak.  
PETRUCHIO. Why, this was moulded on a porringer;  
A velvet dish. Fie, fie! 'tis lewd and filthy;  
Why, 'tis a cockle or a walnut-shell,  
A knack, a toy, a trick, a baby's cap.  
Away with it. Come, let me have a bigger.  
KATHERINA. I'll have no bigger; this doth fit the time,  
And gentlewomen wear such caps as these.  
PETRUCHIO. When you are gentle, you shall have one too,  
And not till then.<sup>4</sup>

No trecho acima Katherine é tratada com especial deferência pelo vendedor que usa *worship* como maneira de se referir a ela, uma palavra que já salienta as diferenças sociais entre o vendedor e a moça. Katherine, interessada na touca que lhe é apresentada, indigna-se quando o marido a despreza como um objeto vulgar, requisitando um modelo maior, no que é contestado: *'I'll have no bigger, this doth fit the time. And gentlewomen wear such caps as these'*. Uma tradução literal dificultaria o entendimento em português: *'Eu não terei uma maior, esta está de acordo com o tempo.*

---

<sup>2</sup> Dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare (1554-1616)

<sup>3</sup> Foram pesquisados os 39 títulos digitalizados pelo Project Gutenberg, onde se inclui todas as suas obras mais famosas. Cf.: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)

<sup>4</sup> Para melhor desenvolver as idéias apresentadas neste trabalho, é preferível analisar os exemplos em seu texto original, sem tradução. Entretanto, para melhor compreensão do leitor, o autor fez uma tradução livre:

**Negociante:** - Aqui está a touca que a Vossa Senhoria pediu.

**Petruchio:** O quê? Isto foi moldado em um prato de sopa? Um prato de veludo. Ora, ora! É vulgar e sujo; é mais um caramujo, uma casca de noz. Uma bugiganga, um brinquedo, um artifício, uma touca de bebê. Suma com isso. Quero um maior.

**Catarina:** Eu não quero um maior; este é atual. As damas usam toucas como estas.

**Petruchio:** Quando você for uma dama, você terá uma também. E não antes disso.

*E damas usam toucas como estas.* ' Ora, dizer que algo está de acordo com o seu tempo implica em dizer que é usual em um determinado período, que é moda, o que é afeiçoado por Katherine ao dizer que as damas usam, as *gentlewomen* que no tempo de Shakespeare significam as moças e senhoras de famílias tradicionais, bem nascidas, educadas, finas. Estas mulheres faziam parte da elite aristocrática que comandavam os destinos da moda, daquilo que deveria ou não ser usado. Talvez elegantes.

Norbert Elias, em seu famoso livro *O Processo Civilizador*, investigou os esquemas contínuos da elite da sociedade ocidental para se distinguir daqueles que não partilhavam dos mesmos posicionamentos sociais. Regras de comportamento, de relacionamento, as formas corretas do vestir, o modo de falar, os modos à mesa, os critérios de limpeza, foram todos remodelados visando um interagir social civilizado, distante dos hábitos considerados quase animais dos que não tiveram a sorte de nascer em uma família de posses e poderem se educar de acordo com as normas valorizadas. Estas regras e hábitos, aperfeiçoados pelo Ocidente a partir da Idade Moderna, cultivam tanto a arte do comportamento como a da aparência, nos modelos, tecidos e nos ornamentos das roupas. Prezam aqueles indivíduos que se moldam às formas estabelecidas como ideais, valorizando sua capacidade de interagir com um grupo qualificado, representantes de uma sociedade que almejava o título de civilizada.

Entretanto, mesmo com todas as qualificações da civilidade, o termo elegância faz-se raro. Já no século XVIII, a bem sucedida novela epistolar de Chordelos de Laclos, *Ligações Perigosas*, publicada em 1782, transcorre no âmago da elite francesa do Antigo Regime, rodeada pelo fausto e o luxo, de cuidados com a aparência, com o falar, e com o se apresentar. A novela trata das artimanhas de uma marquesa e um visconde para manipular aqueles que os rodeiam em proveito próprio, através dos ambientes sofisticados de Paris, salões e casas de campo. Este texto não utiliza a palavra elegante/elegância em momento algum. Outras palavras da ordem da aparência podem se aproximar deste significado, como *charmant, jolie, belle*<sup>5</sup>, mas em momento algum Laclos especifica: ele/ela é elegante.

---

<sup>5</sup> Charmant, jolie, belle: charmosa, bonita, bela.

Voltando à literatura inglesa, outras duas novelas epistolares fizeram muito sucesso no século XVIII. O autor destas obras, Samuel Richardson, possuía uma gráfica e editava livros, quando aos cinquenta e um anos escreveu *Pamela: ou, a virtude recompensada* (1740). Nessa novela, a heroína é uma jovem empregada constantemente assediada por seu patrão, que chega raptá-la e esconde-la em uma propriedade afastada com a intenção de torna-la sua amante. Entretanto, a virtude de Pamela é um escudo que rebate cada ataque, e ao fim da estória havia se transformado em uma flecha de cupido, alterando também o caráter de sedutor do patrão para o de um mancebo apaixonado, que enfrentou a desaprovação social para se casar com ela.

Neste texto tanto a palavra elegante quanto elegância aparecem uma vez: “...and it was an elegant and sensible discourse”, ou, “e foi um discurso elegante e sensível”. Neste trecho a palavra se refere ao sermão de um padre durante uma missa, ou seja, novamente remetendo ao falar. Mais a frente, Pamela visita a casa de uma velha preceptora de um colégio de meninas, e dá sua opinião sobre o ambiente: “We were prettily received and entertained here, and an elegancy ran through every thing, persons as well as furniture, yet all plain”. Traduzindo: “Nós fomos bem recebidos e entretidos aqui, e uma elegância era encontrada em todas as coisas, nas pessoas assim como o mobiliário, embora todos simples”. É no segundo livro de Richardson, *Clarissa: ou, a história de uma jovem dama* (1748), que a palavra elegante/elegância se apropria do sentido mais próximo do contemporâneo. Clarissa é uma jovem de uma família recém enriquecida, mas sem títulos ou tradição. Em busca do prestígio social, Clarissa é continuamente empurrada para um casamento de conveniência embora permanentemente recuse ver-se presa a uma relação sem sentimentos. Reaparece em sua vida o jovem Lovelace, que tempos atrás havia sido um admirador rejeitado por sua família. Após mais uma forte investida familiar para casá-la com um partido lucrativo, a jovem confia em Lovelace e foge com ele, que, entretanto, ao invés de príncipe encantado transforma-se em um carcereiro com serias intenções de possuí-la. Clarissa é presa em um bordel onde recusa as inúmeras tentativas de sedução do captor, até que este toma uma medida extrema, drogando a jovem e violentando-a, com a intenção de forçar sua mão em casamento. De maneira pouco usual para a época, Clarissa, mesmo assim recusa-se a casar-se com Lovelace e após infrutíferas tentativas, consegue fugir e se abrigar junto a uma família que a acolhe e vela por seus últimos momentos de vida. Clarissa, depois de toda a tragédia que viveu para preservar sua virtude, perece devido

ao excesso de emoções e cansaço. Como foi dito anteriormente, neste livro Samuel Richardson utiliza com frequência a idéia de elegância, caracterizando-a como uma condição pessoal, que pode ser exacerbada pelo vestir, mas que permanece a mesma na ausência de artifícios.

Thou shalt judge of her dress, as at the moment I first beheld her she appeared to me, and as, upon a nearer observation, she really was. I am a critic, thou knowest, in women's dresses. Many a one have I taught to dress, and helped to undress. But there is such a native elegance in this lady, that she surpasses all that I could imagine surpassing. But then her person adorns what she wears, more than dress can adorn her; and that's her excellence.<sup>6</sup>

Jane Austen, em *Orgulho e Preconceito*, obra publicada em 1813, mas escrita quando a autora contava com menos de vinte e um anos, em 1797, também se utiliza do sentido de elegância relacionando-o com as características pessoais daquele adjetivado. No trecho abaixo a narrativa detém-se nas impressões da heroína Elizabeth Bennet ao visitar a propriedade de Mr. Darcy, Pemberley:

The rooms were lofty and handsome, and their furniture suitable to the fortune of its proprietor; but Elizabeth saw, with admiration of his taste, that it was neither gaudy nor uselessly fine; with less of splendour, and more real elegance, than the furniture of Rosings.<sup>7</sup>

Que a partir do início do século XIX a idéia de elegância seja mais comumente acionada pelos canais de comunicação, é compreensível. Afinal, foi na passagem do século XVIII para o XIX que viveu, ou pode-se dizer, aconteceu, George ‘Beau’ Brummel, considerado o expoente máximo da elegância em seu tempo. Brummel, que foi o primeiro dândi a servir de exemplo para uma longa lista que o sucedeu, teve sua vida vasculhada e citada por diversos autores que tentaram ali, discernir o complexo da

---

<sup>6</sup> Tu deves julgar o seu vestido, como o notei no primeiro momento em que ela apareceu, e como, observando mais atentamente, eu vi que era ela. Eu sou um crítico, tu me conheces, em roupas femininas. Muitas eu ensinei a vestir e auxiliei a despir. Mas há uma elegância nativa nesta dama, que vai além de tudo que eu poderia imaginar ir além. Mas então, é sua pessoa que adorna o que ela veste mais do que qualquer roupa pode adorná-la; e esta é a sua excelência. Tradução livre do autor.

<sup>7</sup> Os aposentos eram amplos e bonitos e suas mobílias eram adequadas à fortuna de seu proprietário, mas Elizabeth viu, com admiração pelo seu bom gosto, que elas não eram nem exageradas nem sofisticadas em excesso a ponto de não serem funcionais; com menos esplendor e com mais e real elegância, do que o mobiliário de Rosings.

elegância. Balzac, D'Auberville e Baudelaire foram alguns nomes que procuraram entender a forma de viver e agir de Brummel.

Brummel (1778-1840), de filho de um encarregado das propriedades de nobre inglês Lord North, tornou-se amigo do Príncipe de Gales, posteriormente rei George IV. A seu favor, Brummel teve apenas a capacidade de transformar-se em um apanágio da elegância, árbitro de tudo aquilo que fosse relacionado com a vida elegante. Tornou-se um exemplo de homem que, somente com a originalidade de seu apelo pessoal, conseguiu se infiltrar nas rígidas fronteiras da sociedade aristocrata inglesa. Barbey D'Aurevilly, ao refletir sobre o dandismo e sobre Brummel, considera que o dândi conta com a “audácia de sua própria personalidade” e que nos ambientes enfadonhos e tediosos de uma Inglaterra tradicional,

Os espíritos que só vêem as coisas pelo lado menor imaginaram que o dândismo era, sobretudo a arte da aparência, uma feliz e audaciosa ditadura em matéria de toalete e de elegância exterior. Muito certamente é isso também, mas é muito mais, O dandismo é toda uma maneira de ser que não se resume ao aspecto materialmente visível. É uma maneira de ser inteiramente composta de nuances, como sempre acontece nas sociedades muito antigas e civilizadas, nas quais a comédia torna-se bastante rara e a convenção triunfa ao preço do tédio.

Assim, uma das conseqüências do dandismo, uma de suas principais características – para dizer melhor, sua característica mais geral -, é de sempre produzir o imprevisto, aquilo que o espírito acostumado ao julgo das regras não pode, em boa lógica antever. (...) O dandismo (...) brinca com a regra e, contudo, respeita-a ainda. (D'Aurervilly, 2009, pág.130-131)

Baudelaire pode nos acrescentar informações: “O dandismo não é nem mesmo, como muitas pessoas pouco sensatas parecem acreditar, um gosto imoderado pela toalete e pela elegância material. Essas coisas não são, para o perfeito dândi, senão um símbolo da superioridade aristocrática do seu espírito”. (BAUDELAIRE, 2009, pág.15) O dândi respeita a aparência, mas a *sua* aparência, aquela que ele acha que lhe convém. Respeita os detalhes, acentuando o que lhe parece correto em sua indumentária: calças sem vinco, paletós que vestem como uma segunda pele, sem rugas ou costuras franzidas, gravatas imaculadamente brancas e com nós artísticos. Nada de ornamentos, nada de excessos. A roupa está ali apenas para emoldurar um ser, e este sim, é o que oferece ao vestuário o seu caráter elegante. O dândi ambiciona a originalidade, algo que é muito

mais individual que casacas e coletes, mas uma originalidade premeditada, advinda de seu poder de percepção, da necessidade de distinção, da capacidade do autocontrole e de orgulho próprio, “...um desses seres privilegiados nos quais o belo e o temível se confundem tão misteriosamente...”. (BAUDELAIRE, 2009, pág.18)

Pelos trechos acima se percebe então, que a elegância, de uma palavra pouco usada até o século XVIII, assume nos períodos vindouros um valor simbólico desejável. Vejamos o significado do verbete elegância no dicionário Aurélio, um dos mais populares da língua portuguesa, publicado no Brasil:

Elegância: [do latim *elegantia*] S.f. **1.** Distinção de porte, de maneiras; donaire: elegância natural. **2.** Graça, encanto, garbo: Tem elegância no andar. **3.** Gosto, bom gosto: elegância no trajar. **4.** Gentileza, finura, amabilidade: elegância no trato, nos gestos. **5.** Delicadeza de expressão, cortesia: Disse umas duras verdades com elegância. **6.** Apuro, correção, graça: elegância no estilo e no falar. **7.** Proporção adequada nos elementos de uma composição artística; harmonia: elegância de forma. **8.** V. Simplicidade (FERREIRA, 2004, pág.721)

Pelo Aurélio verifica-se que a elegância é inerente a um tipo de homem, aquele que consegue em si reunir os elementos adequados que permitem ao observador vislumbrar esse ‘algo’ que é o ser elegante. Então, se é inerente ao homem, porque a palavra só aparece com mais força a partir do século XVIII?

Muito aconteceu desde os tempos medievais nos conhecimentos e idéias concernentes ao homem.

Nosso contemporâneo senso de identidade [ocidental] vem diretamente das transformações ocorridas nos séculos que se seguiram ao Renascimento. Estes desenvolvimentos são sempre caracterizados como ‘a morte da alma’; mas inseparável deste processo, e não menos importante, foi o reapreciar do corpo. Estes dois foram simbióticos na refiguração do eu. (PORTER, 2004, pág.3)

O corpo medieval, alardeado como vilão concupiscente e corrupto, uma matéria que restringia o poder imortal, bom e belo da alma, foi, lentamente, assumindo uma nova posição, quando seu caráter de humanidade é pouco a pouco aceito. A percepção de que o homem era feito de corpo e alma, juntos, unidos pela vida - onde não há um, não há o outro - vai, aos poucos, assumindo uma dimensão mais realista. Uma nova frente de



pensamento foi aberta com René Descartes em seu *cogito ergo sum: penso, logo existo*. O ser, o eu, foi aferido pela característica interna, o pensar, inerente ao homem, e não apenas uma graça divina. Enquanto na teologia cristã e na filosofia platônica uma ordem cósmica e eterna garantia o eu interior, o ponto de vista de Descartes alerta que nossas fontes morais encontram-se completamente em nosso interior, iniciando um movimento que “inevitavelmente embora inadvertidamente pavimentasse o caminho para a subjetividade moderna” (PORTER, 2004, pág.24).

A ciência, que aos poucos assumiu o lugar da religião no entendimento dos fatos tidos como estabelecidos por Deus, trouxe o homem para mais perto de si mesmo, de conhecer-se e entender-se. O pensamento lógico e a Razão passam a estabelecer os fatos. Analisando o processo de consolidação do pensamento racional a partir de Descartes, o antropólogo e sociólogo David Le Breton afirma: “O mundo não é mais um universo de valores, mas de fatos” subordinados a uma apreensão racional. “Não há mistério cuja razão não possa vir à tona”. (LE BRETON, 2011, pág.: 102).

Em torno do fim do século XVII, a anatomia e a fisiologia ampliam este campo de conhecimento ao deixarem clara a composição daquele ser cuja crença religiosa instituíra ser feito de barro e moldado à semelhança divina: carne, sangue, ossos, músculos, nervos, órgãos. Um corpo material que funciona como uma máquina, capitaneada pelo cérebro. Segundo Roy Porter, em fins do século XVII, as elites já estavam mais ou menos cientes de que as antigas formas de falar do corpo de alguém e suas experiências estavam sendo desafiadas por novos modelos, metáforas e focos de atenção (os nervos, por exemplo).

Enquanto os fluidos (humores) declinavam em proeminência em contraste com os sólidos (órgãos), as vísceras, a barriga, os intestinos (estes *container* de humores) perderam sua antiga importância como referência para um ser e seus sentimentos, para serem substituídos no pensamento polido pela cabeça, o cérebro e o sistema nervoso. Então, era vulgar ou plebeu preocupar-se com essas partes ‘baixas’. Estas mudanças podem ter se refletido nos discursos. O antigo costume de declarar que alguém sentiu algo ‘nos intestinos’<sup>8</sup>, ou apelar para os ‘intestinos de Cristo’ estavam se tornando raros. As vísceras não eram mais o lugar vital, onde a essência do ser se encontrava. O novo centro simbólico de gravidade encontrava-se na cabeça, no cérebro e nos nervos. (PORTER, 2004, pág. 60)

---

<sup>8</sup> A tradução nestes trechos foi literal. Sentir algo ‘nos intestinos’ é mais bem traduzido pelo nosso ‘boca do estômago’, assim como ‘os intestinos do Cristo’ pelo nosso ‘pelas entranhas de Cristo’.

Até o século XIX diversos filósofos fizeram a apologia da Razão, daquilo que é percebido empiricamente ou pelo raciocínio lógico. O Iluminismo, centralizado no século XVIII, é o momento da virada, momento em que a humanidade vai fazer uso de sua Razão, sem mais se submeter a nenhum limitador externo para o seu comportamento ético. O reconhecimento de si mesmo, do pensamento, da capacidade humana, do poder do homem e sua razão, é que orienta o que se pode conhecer, o que se pode fazer e o que se pode permitir esperar. O reconhecimento do poder de agenciar o seu tempo e o seu destino, de formar os pensamentos de acordo com a própria opinião, o alvorecer de uma subjetividade propiciada pelos próprios pensamentos, pela própria observação, pelas experiências, acertos, temores etc. Tudo isso sem a intermediação divina, feito e obra do homem.

É nessa passagem das crenças místicas e religiosas para a crença no poder da razão humana que aparece com mais ênfase o sentido da elegância. É na passagem do mundo orquestrado por Deus para o mundo conduzido pelo homem que os atributos de valor do próprio homem crescem em importância. Se anteriormente a elegância era uma qualidade da aparência, sendo constantemente substituída por palavras que caracterizavam o externo, como riqueza, luxo, beleza, a partir do século XIX ela passa a ser caracterizada como um fator imanente da pessoa, constituída através de sua personalidade, seu eu, sua subjetividade, sem mais enlacs com o divino. A elegância incorpora a subjetividade e a aparência, a expressão do interior no exterior, comandada por um conjunto de valores culturais apreendidos pelo sujeito no decorrer de sua vida. A elegância vai além da aparência ao expressar também aquilo que é intrínseco ao sujeito, a sua alma. A alma, lugar do saber, anteriormente era expressa pelo discurso, daí, a importância da retórica, do bem falar, do falar e ser compreendido. Hoje em dia a alma fundiu-se com o corpo – que pouco a pouco restabeleceu ou ultrapassou o lugar da alma - e este passa a expressar a verdade.

Se o corpo é o lugar da expressão (do que você é da sua personalidade) a roupa será também sua expressão, assim como seus modos, comportamento, a maneira como emite opiniões, os argumentos que utiliza a delicadeza com que trata as pessoas, a forma de olhar e de agradecer. O corpo é um todo que se irradia, para além do físico, para além

da imagem, pois ele é o lugar do indivíduo. Foi preciso o indivíduo ascender ao cimo da pirâmide social para que seu invólucro, sua carne, sua máquina de vida assumisse o grau de importância que tem hoje. E é este indivíduo em seu todo – corpo e alma - que pode ser considerado elegante, ou não.

Há muito ainda para se aferir em relação à elegância e seu complexo mundo. Há muito que estudar para entendermos como essa idéia foi adaptada ao Brasil, com sua cultura multifacetada. Mas isso é assunto para outros textos.

## **Bibliografia**

**BAUDELAIRE, Charles.** *O dândi*. In: Manual do dândi: a vida com estilo. Belo Horizonte: Autentica, 2009

**D'AUREVILLY, Barbey.** *O dândismo e George Brummel*. In: Manual do dândi: a vida com estilo. Belo Horizonte: Autentica, 2009

**ELIAS, Norbert.** *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994

**FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.** *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª. Ed. Curitiba: Positivo, 2004..

**LACLOS, Chordelos.** *Les liaisons dangereuses*. Disponível em < <http://free.pdf-download.org/ebooks-Les+Liaisons+Dangereuses>>. Acesso em 05 junh.2011

**LE BRETON, David.** *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, Vozes, 2011

**RICHARDSON, Samuel.** *Pamela, or virtue rewarded*. Disponível em < <http://www.gutenberg.org/ebooks/6124>>. Acesso em 10.jun.2011

\_\_\_\_\_. *Clarissa, or the history of a young lady*. Disponível em < <http://www.gutenberg.org/ebooks/9296>>. Acesso em 10.jun.2011

**PORTER, Roy.** *Flesh in the age of reason*. London: Penguin Books, 2004

**SHAKESPEARE, William.** *The taming of the schrew*. Disponível em < <http://www.gutenberg.org/cache/epub/1772/pg1772.html>>. Acesso em 03.jun.2011